

A influência do esporte profissional na iniciação esportiva

The influence of professional sport in the sport initiation

Ana Carolina Trincado Henrique, Cristiane Tiemi Nakamura dos Santos Tamagusko, Jean Victor Leal da Silva, Tiago Sertorio Rossi

Universidade Paulista - UNIP

(caroltrincado@hotmail.com; tiemi.nak@gmail.com; jeanvictor.leal@gmail.com; tiago.sertorio@hotmail.com)

Resumo. O presente trabalho teve como objetivo verificar quais os aspectos positivos e negativos do esporte profissional e sua influência na iniciação desportiva através de uma pesquisa bibliográfica com autores referenciados. Compreender o que é esporte profissional, iniciação desportiva, assim como as fases de aprendizagem, os tipos de jogos e brincadeiras e a maneira como são aplicados e, entender o processo de iniciação desportiva pode ajudar na didática das aulas, influenciar no desenvolvimento total da criança e no interesse dela pelo esporte, além de aumentar o número de interessados na prática esportiva. A participação e conhecimento do profissional de educação física se torna fundamental nesse processo.

Palavras-chave: iniciação desportiva, esporte profissional, fases de aprendizagem.

Abstract. *This study's aim was to analyze the positive and negative aspects of professional sports its influence on sport initiation, using bibliographic references with reliable scientific articles. Understand what is professional sports, sports initiation, as well as the stages of learning, kinds of games and activities and how they are applied, and know the sport initiation process can help in teaching classes, influence the overall development of the child and her interest in the sport, as well as increase the number of people interested in it. Participation and knowledge of physical education professional becomes essential in this process.*


Key-words: *sport initiation, professional sports, learning phases.*

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística
Edição Temática em Saúde e Bem estar

Vol. 6 no 5 – Abril de 2017, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>

E-mail: revistaic@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

Introdução

O presente trabalho reúne informações sobre o processo de aplicação esportiva introduzida na primeira infância iniciado pelas brincadeiras despretensiosas, seguida por jogos, partindo para uma prática esportiva, que por fim, explora e gera habilidades específicas de programa de treinamento de alto rendimento e performance profissional.

Avaliando esse processo é necessário entender até que ponto as crianças estão preparadas para assumir esse compromisso e ainda assim permanecerem crianças em suas outras atividades, preservando sua essência social e familiar. Encontrar um ponto de equilíbrio para que as cobranças internas e externas não reflitam no seu dia a dia fora do compromisso esportivo.

Para desenvolver esse panorama foi realizado uma pesquisa bibliográfica entre diversos autores que discutem sobre os aspectos positivos e negativos que o esporte profissional pode gerar no processo de iniciação esportiva e se esse processo é realmente saudável para as crianças e, principalmente qual o momento certo de acelerar e ou brevar esses processos, levando em consideração as fases e a individualidade de cada criança, que deve ser preservada em todo o momento de exploração de suas habilidades.

1. Desenvolvimento – definições terminológicas abordadas nesta obra

Neste capítulo abordaremos os elementos pesquisados em nosso trabalho com base nos autores referenciam e dão suporte para nossa argumentação.

Para melhor compreensão do tema é importante saber a definição de iniciação esportiva, brincadeira, grandes e pequenos jogos, esporte, esporte profissional e fases de aprendizagem e desenvolvimento motor.

Fases de aprendizagem e desenvolvimento motor

Dentre as teorias sobre as fases de desenvolvimento motor e aprendizagem motora, as explicações de Gallahue e Ozmun e de Jean Piaget são algumas das mais conhecidas na literatura.

Segundo Piaget (2010) existem quatro estágios de desenvolvimento, sendo eles: estágio sensório-motor (de 0 a 2 anos); estágio pré-operatório (de 2 a 7 anos); estágio das operações concretas (operacional concreto – de 7 a 12 anos) e estágio das operações formais (lógico-formal – de 12 anos a fase adulta).

Para Gallahue e Ozmun (2005), o desenvolvimento é dividido também em quatro fases, porém subdivididas em vários estágios, sendo elas: fase motora reflexa (até 4 meses: estágio de codificação de informações - de 4 meses à 1 ano: estágio de decodificação de informações); fase de movimentos rudimentares (até 1 ano: estágio de inibição de reflexos - de 1 à 2 anos estágio de pré-controle); fase de movimentos fundamentais (de 2 à 3 anos: estágio inicial - de 4 à 5 anos: estágio elementar - de 6 à 7 anos: estágio maduro); fase de movimentos especializados (de 7 a 10 anos: estágio transitório - de 11 a 13 anos: estágio de aplicação - de 14 anos em diante: estágio de utilização permanente).

Há controvérsias com relação à idade ideal para a iniciação esportiva da criança, porém, Oliveira e Paes (2004), leva em consideração o desenvolvimento da criança, relacionando suas idades biológica, cronológica e escolar. A divisão foi feita em três fases, sendo elas:

- Fase de iniciação esportiva I (entre 7 e 10 anos): Atividades desportivas com caráter lúdico, participativo e alegre, porém oportunizando ensino de técnicas desportivas e estimulando pensamento tático, mas não especializadas em nenhum esporte.
- Fase de iniciação esportiva II (de 11 a 13 anos): início à aprendizagem de diversas modalidades esportivas, dentro de suas particularidades.
- Fase de iniciação esportiva III (de 13 a 14 anos): automatização e refinamento dos conteúdos aprendidos anteriormente e aprendizagem de novos conteúdos, fundamentais nesse momento de desenvolvimento esportivo.

Ter uma boa autoestima não indica que o indivíduo confia em sua capacidade de realizar algo. A autoconfiança indica que o indivíduo acredita poder realizar determinada tarefa, seja de natureza mental, física ou emocional. Pessoas autoconfiantes acreditam que podem fazer com que as coisas aconteçam de acordo com seus desejos. (GALLAHUE; DONNELLY, 2008).

Um estudo sobre características e comportamentos de acordo com a faixa etária e adequação de atividades constatou abaixo que, nas idades aproximadas:

- 0 a 2 anos: característica principal egocentrismo, sensório-motor (tato, movimento, formas, pesos, texturas, reproduzir sons, engatinhar, andar, abrir, fechar, empilhar, encaixar, puxar, empurrar, comunicação). Atividades adequadas: brincadeiras referentes a educação sensório-motora (sentir/executar), exploração, canto, perguntas e respostas, esconder.
- 2 a 4 anos: permanecem as características anteriores com acréscimo da fantasia, invenção e criatividade. Atividades: brincadeiras sem e com poucas regras simples, utilização das formas básicas de movimento (andar, correr, saltar, rolar, etc.), estimulação, representação (imitações de situações conhecidas: escolinha, casinha).
- 4 a 6 anos: características principais muita movimentação, começa a aceitar regras e a compreendê-las, maior atenção e concentração, interesse por números, letras, palavras e seus significados, o grupo começa a ter importância. Atividades adequadas: brincadeiras com ou sem regras, atividades de muita movimentação, representação.
- 6 a 8 anos: características muita movimentação, boa discriminação visual e auditiva, atenção e memória, aceita regras, convive bem em grupo, começa a definir seus próprios interesses, despertar natural da competitividade. Atividade adequada: brincadeiras, alguns pequenos jogos, atividades em equipes, desafios (com os outros e consigo mesmo), atividades de muita movimentação.
- 8 a 10 anos: característica principal: o grupo é cada vez mais importante, memória plenamente desenvolvida, raciocínio concreto e aquisição do raciocínio abstrato, capacidade de reflexão (medir conseqüências). Atividade adequada: brincadeiras, pequenos jogos, atividades em equipes, atividades que envolvam estratégias, atividades de raciocínio, atividades de desafio.

- 10 a 12 anos: características gerais: separação dos sexos, compreensão da sexualidade, início das diferenças de habilidades motoras entre os sexos e maturidade (meninas na pré-puberdade e meninos mais infantis), isolam-se em pequenos grupos. Atividades adequadas: pequenos jogos em potencial, grandes jogos simplificados, atividades de integração social (aproximação) e atividades em equipes.

- 12 a 14 anos: características: revalorização do sexo oposto, supervalorização da competição, grande discrepância de habilidades e de maturidade entre os sexos, necessidade de autoafirmação, falta de percepção dos limites sociais, grandes conflitos de personalidade, são altamente influenciáveis. Atividades adequadas: pequenos jogos em pequena escala e grandes jogos em potencial.

- 14 a 18 anos: características gerais: identificação plena com o sexo oposto, grande diferença de habilidade entre os sexos, aceitação e discussão das diferenças de habilidades entre os sexos, ainda apresenta necessidade de autoafirmação, começa a supervalorizar a estética, desprezo pela atividade motora (idade da preguiça), visão da atividade lúdica não só como atividade física, valorização das atividades sociais e culturais. Atividades adequadas: esporte propriamente dito, gincanas de múltiplas dificuldades, grandes jogos com grande complexidade de regras, atividade junto a Natureza, modismo, cinema, teatro, shows, dança, festas, reuniões, bate-papo, passeios e viagens.

- Adultos: revalorização da atividade física, valorização da atividade lúdica, aceitação do sexo oposto na atividade lúdica, supervalorização da estética (em maior intensidade), visão da atividade lúdica não só como atividade física, preferência pela atividade lúdica em grupo, dificuldade de se expor, por medo do ridículo, dificuldades para se aproximar de outros indivíduos para a atividade lúdica, aceita a derrota e a vitória (com exceções). Atividades adequadas: esporte propriamente dito, atividades em grupo, grande enfoque aos jogos de salão e de mesa, jogos de sorte e azar: apostas, modismos, cinema, teatro, shows, dança, festas, reuniões, bate-papo, gincanas, atividades culturais, passeios e viagens, flunar, vagar, contemplar, "nada-fazer". (CAVALLARI; ZACHARIAS, 2007, P. 62).

Brincadeira, grandes e pequenos jogos, esporte

Pequenos e grandes jogos são definidos pelas suas características. Segundo Cavallari e Zacharias (2007), os pequenos jogos são mais simples, possuem menos regras, sendo mais flexíveis e o professor/instrutor atua apenas como um orientador da atividade. Enquanto que nos grandes jogos, há um maior número de regras, muito mais complexas que são rigorosamente cobradas, e o professor/instrutor atua quase como um juiz. Mas como saber se determinada atividade é um jogo ou uma simples brincadeira entre as crianças? Para os autores, as brincadeiras nem sempre apresentam evolução regular porque são mais livres, podem ou não ter regras, podem ser modificadas a qualquer momento de acordo com o interesse e motivação dos participantes, seu fim pode ocorrer pela intervenção de um adulto, fim do tempo livre, chuva etc., as consequências são imprevisíveis, muitas vezes não têm um ápice e não apresentam um vencedor. Ao contrário das brincadeiras, os jogos apresentam uma evolução regular por possuírem início, meio e fim, obrigatoriamente tem

regras, tem final previsto (pontos, tempo, tarefas cumpridas), tem sempre um ápice, as modificações desejadas não são aleatórias (partem da interrupção, seguida da inserção da modificação e reinício), as consequências podem ser previstas e sempre há um vencedor.

A importância em entender a diferença entre brincadeira e jogos (grandes e pequenos) é no momento de aplicar uma determinada atividade à um público específico, ou seja, saber escolher o tipo de atividade a ser empregada de acordo com as características do grupo e faixa etária. Podendo transformar uma brincadeira em jogo, um pequeno jogo em um grande jogo ou vice-versa, adaptando-a ao grupo. (CAVALLARI; ZACHARIAS, 2007).

O termo *Esporte* possui diversos significados, de acordo com suas práticas e personagens, seja ele mercadológico, recreativo, educacional, de reabilitação ou representativo. O importante é compreender que hoje o esporte não é mais uma prática singular, mas sim um fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades, porque além do atleta temos dentro deste contexto as crianças, adolescentes, adultos, idosos, portadores de necessidades especiais, ou seja, todos os tipos de pessoas, a prática pode ser aprendida e realizada em diversos ambientes. (PAES, MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Iniciação desportiva

A educação física infantil é o primeiro contato que a criança terá com a atividade física e esse contato se dá por meio de desafios corporais, cognitivo, afetivo e motor. A criança não aprende apenas a explorar seu corpo, como também é o início da sociabilização e o corpo se torna a entrada para o avanço de suas habilidades através de ações motoras que geram diferentes desafios e contribuem para esse desenvolvimento.

Segundo Paes, Montagner e Ferreira (2009, p. 9), "a iniciação esportiva é o primeiro contato do indivíduo com a prática esportiva de forma orientada, organizada e sistematizada". Neste momento o contato com o esporte deve ser prazeroso, com propósito educativo, participação efetiva, sem incitar a especialização precoce, preocupando-se com a diversificação de movimentos e estímulos.

A iniciação esportiva é a introdução de uma atividade física através de um esporte, portanto, não deve ser rigorosa e nem exigir perfeição. Deve ser uma prática saudável, prazerosa, que explore a criatividade, desenvolva as habilidades motoras, a sociabilidade e principalmente agradável para que o indivíduo seja estimulado a praticar uma atividade física. Um exemplo distorcido do que é iniciação esportiva é o que acontece em escolinhas de futebol e/ou algumas escolas e colégios, as modalidades esportivas oferecidas aos alunos não só apresentam os conceitos e técnicas, como propõe exercícios específicos com a finalidade de obter resultados positivos em competições e campeonatos promovidos pelas mesmas, normalmente pela iniciativa e incentivo dos pais, clubes e colégios. A prática livre com fins didático-pedagógico, visando o bem-estar, autoestima, sociabilização, coletividade, alegria, desenvolvimento da criança é esquecida. (GREGÓRIO; SILVA, 2014).

Corroborando com Paes e Balbino (2005), entre os propósitos da iniciação esportiva podemos apontar as questões intrapessoais, o desenvolvimento psicocognitivo geral, a aquisição de habilidades motoras e a sociabilização. É um fenômeno complexo carregado de sensibilidade que permite a fixação e uma quantidade generosa de implicações que se inter-relacionam e interferem no processo de desenvolvimento humano da criança esportista.

Segundo Kröger e Roth (2006), em seu livro "Escola da bola", afirmam que antigamente a iniciação esportiva era vivenciada nas brincadeiras de rua. E toda a familiarização com a bola e o esporte "em geral" acontecia de uma forma bem mais tranquila e desacelerada do que nos dias de hoje, onde este processo ocorre dentro de clubes onde já se tem um esporte relacionado. Afirmam ainda que o esporte tem sido apresentado antes mesmo da própria descoberta da bola, ou seja, a criança tem sido apresentada a bola já com um

esporte determinado atrelado a ela criando assim uma conexão precoce que muitas vezes tira a escolha da criança de poder exercer outro esporte.

A prática da iniciação esportiva, dentro de uma proposta pedagógica, poderá ocorrer em diferentes ambientes como: escola, clubes, academias entre outros, sendo que em uma visão da prática mais abrangente, deve ser norteada por uma proposta pedagógica que leva em conta quatro pontos fundamentais para a sua sustentação: Diversidade, Inclusão, Cooperação e Autonomia. A diversidade está relacionada a uma proposta com "base na pluralidade de movimentos e diversidade de situações-problema para quem se inicia a prática em uma modalidade", se tornando uma ferramenta facilitadora no processo de crescimento e desenvolvimento. A inclusão está relacionada ao fator de diferenciação de competência profissional (recurso que o professor utiliza visando promover as transformações desejadas) sem distinção entre pessoas e o tipo físico. Os jogos coletivos favorecem o trabalho da cooperação pois, a prática e ambientes favoráveis melhoram a compreensão do significado de cooperação (ter como um princípio no processo de educação). A instrumentalização do aluno está presente para proporcionar-lhe autonomia para convivência com a modalidade, sem focar na busca, reconhecimento e treinamento de talentos. (DE ROSE JUNIOR; TRICOLI, 2005, p. 18).

Para Gohn (2001), a base da aprendizagem na iniciação desportiva é por meio da troca de experiências durante o trabalho social coletivo inserido num contexto específico (situações-problema), e não pela sistematização prévia com o objetivo de ser aprendido. Ressalta-se que a educação não formal é vivida e concretizada em um grupo, mesmo que o resultado da aprendizagem final seja absorvido individualmente.

Esporte profissional

Práticas inglesas de tempo livre deram origem ao esporte, que foi sofrendo constantes modificações e adaptações conforme o decorrer do tempo e a época, sendo disseminado e internacionalizado. E o esporte profissional veiculado aos meios de comunicação, ficaram mais evidentes, ganhando maior popularidade e visibilidade, atingindo a população em massa. Consequentemente, o esporte tornou-se uma mercadoria de governos capitalistas. Os meios de comunicação somado ao capitalismo modificaram a representação real do que é o esporte, influenciando na relação estabelecida com o consumidor. Levando em conta esse contexto, e a particularidade da relação entre o esporte e o praticante, torna-se fundamental entender que tipo de associação se estabelece na iniciação esportiva e no esporte profissional. (SILVA, 2009).

Paes, Montagner e Ferreira (2009) contextualizam o esporte profissional fundamentalmente para fins mercadológicos, tratando-se de uma opção profissional, destacando a necessidade de entender como essa manifestação pode interferir nos praticantes, qual a importância na sociedade moderna e os seus reflexos em outras manifestações esportivas.

Segundo Nista-Piccolo (1999), o esporte profissional quando bem divulgado pela mídia, pode despertar nas crianças a vontade de chegar ao topo esportivo. Acrescenta ainda que, o ensino de uma modalidade esportiva vai além do professor saber praticar tal modalidade, porque é necessário saber adaptar as habilidades a exercícios educativos.

O esporte profissional é direcionado para os treinamentos especializados, no qual o treinamento das capacidades técnicas e os conhecimentos teóricos sobre a modalidade escolhida são minuciosamente aperfeiçoados. Nesse período de aprofundamento e aproximação ao treinamento adulto, os atletas deverão estar com uma base sólida, constituída pelas fases anteriores. (PAES; BALBINO, 2005).

O esporte profissional, recruta do atleta a mobilização das suas reais capacidades competitivas e as relaciona com fatores técnico-tático.

Greco (1997) considera o esporte profissional como uma fase em que enfatiza a modalidade escolhida, por meio do aperfeiçoamento técnico e tático, desenvolvendo comportamentos táticos de alto nível competitivo com aumento da participação em competições.

A formação profissional do esporte abre as portas para inseguranças e medos, ansiedades e estresses, agressões humanas e somatizações. O atleta vive sempre na fronteira do desequilíbrio emocional, e a performance de um atleta depende muito deste equilíbrio e em esportes coletivos a vitória está diretamente relacionada ao esforço individual e de todos, simultaneamente. E ele aprende desde cedo que deve deter-se na execução vitoriosa dos fundamentos de sua modalidade desportiva. Isso além de requerer uma boa experiência cognitiva, de aprendizagens, demanda constantemente um alto nível de concentração. (RUBIO, 2000).

Segundo Neto (1997), o esporte profissional é um imenso palco em que aparecem, em primeiro plano, o atleta, o treinador e o dirigente. E nos bastidores, um time respeitável de médicos, fisiologista, fisioterapeuta, preparador físico e nutricionistas.

Ferreira (2008) define o esporte profissional como a prática sistemática de atividades adequadamente planejadas e orientadas. Com o objetivo de que os gestos motores tornem-se gradualmente mais consistentes e que, a execução das técnicas específicas seja realizada com mais dinamismo, precisão, eficácia e economia de função.

Ferreira (2001) define *Escola de Esportes* como toda a atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro formal educacional, ou seja, não formal, para oferecer modalidades esportivas selecionadas a determinados subgrupos da população escolar. O autor diz tratar-se de uma rede complexa de cruzamentos que se abrem na nossa frente e onde cada um vai encontrar na modalidade escolhida aquilo que, no momento, mais interessa e convém para a sua personalidade, querendo então participar da atividade.

Para Tubino (1992), as atividades esportivas podem contribuir para o desenvolvimento integral harmonioso da criança e do adolescente, observando-os em sua plenitude e atentando-se a maneira como eles estão sendo iniciados, se está ou não de acordo com seu estágio de desenvolvimento.

2. Discussão

A influência do esporte profissional na iniciação esportiva pode ser, tanto positivo, quanto negativa. Isto dependerá de como o conceito será apresentado e quais cobranças recaem sobre cada aprendiz.

Segundo Paes e Balbino (2005), o esporte profissional pode ser positivo para o iniciante, servindo como espelho, incentivo e entretenimento para a prática, porém, se na iniciação esportiva os exercícios aplicados forem os mesmos de atletas profissionais as consequências seriam negativas, como a falta de "experimentação motora variada e diversificação de estímulos cognitivos, afetivos e sociais".

Os sentimentos que as crianças têm de si mesmas é fortemente determinado pelas experiências que elas adquirem com brincadeiras, tanto bem-sucedidas quanto as fracassadas. (GALLAHUE; DONNELLY, 2008).

As crianças submetidas a treinamentos diários sujeitam-se a regras já estruturadas e sem questionamentos. Essas crianças possuem uma rotina apenas para adequação e aprimoramento de habilidades específicas, não importando seus interesses e necessidades pois, subentende-se sendo o esporte da área da saúde a criança deve cumprir seu papel. Dependendo do repertório psicológico de cada criança o fracasso pode se tornar um grande

motivador de tentar novamente, porém, em um ambiente altamente competitivo onde as habilidades, o destaque, a superação e a competição são inevitáveis, o fracasso não é visto como uma virtude, uma oportunidade de acerto e ajuste, mas sim como uma falha. Respeitar a condição natural humana é o princípio para o equilíbrio interior e interpessoal. Por esses motivos a iniciação esportiva deve ter, por quem a oriente, uma atenção cuidadosa no que se refere a seus objetivos e métodos, pois da mesma maneira que pode ser um excelente instrumento para a criança começar a aprender com experiências que envolvem confiança, autoimagem e autopercepção, entre outras, caracterizando seu processo de sociabilização, pode funcionar como um instrumento alienante para se lidar com essas questões. (RUBIO, 2000).

Para Nista-Piccolo (1999), a criança deve ter seus direitos respeitados, precisa brincar, mesmo que seja brincar de praticar esportes. As crianças podem sofrer altos prejuízos em relação a saúde (que não se mostram a curto prazo) devido as consequências de treinamentos rigorosos que forçam a especialização precoce. Por este motivo, muitas crianças perdem a infância e poucas se tornam atletas. Acrescenta ainda que os processos pedagógicos devem se adequar à realidade que encontramos, isto é, características do desenvolvimento da criança, vivência anterior, dificuldades e necessidades básicas de cada faixa etária.

Ensinar a praticar esporte é preparar o aluno para executar determinadas habilidades por meio da descoberta do prazer de se exercitar. É conscientizá-lo de suas capacidades e limitações. É mostrar diferentes maneiras de aprender um movimento. A ludicidade da proposta pode ser o caminho dessa conscientização. (NISTA-PICCOLO, 1999, p. 11).

Segundo Tubino (1992) ao se ensinar qualquer prática esportiva, existe a possibilidade de o aluno a carregar ao longo de sua vida. Sendo assim, se bem ensinado, o aluno aproveitará dessa aprendizagem esportiva diante de dois caminhos: tornando-se especialista ou consumidor passivo, pois saberá assumir uma posição crítica defronte do fenômeno esportivo. O autor ainda afirma que, os sentidos educativos e o bem-estar social está se tornando uma nova perspectiva da prática do esporte.

Tem-se, com este novo conceito de esporte, uma abrangência em três áreas de manifestações distintas e interdependentes:

- a) Manifestação esporte - performance – objetivo; alto rendimento;
- b) Manifestação esporte - participação – objetivo; promover o bem-estar, recreação, e o esporte-lazer para todos;
- c) Manifestação esporte - educação - com objetivos claros de formação, norteadas por princípio sócio- educativos, preparando seus praticantes para a cidadania.

Mas Ferreira (2001) se preocupa em ressaltar que o esporte só tem um sentido educativo, quando tem por finalidade passar um conhecimento ao aluno, tanto em nível técnico esportivo, quanto em valores culturais que o levarão a um desenvolvimento global. O global deve abranger também os aspectos: cognitivos, afetivos e motores. Pois, a eficácia será consequência dos aspectos:

- Cognitivos - compreender o que faz tomar consciência conhecer-se, saber reconhecer as exigências de uma situação, decidir;
- Afetivos - investimento, controle das emoções, evitando a degradação do comportamento, ousar fazer, aceitar os desequilíbrios, mostrar-se; e
- Motores - execução, ajustamentos oportunos, fatores suficientes de execução, coordenação e marcação.

3. Considerações finais

No contexto geral o esporte recebe hoje grande popularização quando relacionado à saúde e bem-estar. A sociedade de forma global o tornou algo grandioso e de interesse coletivo, dessa forma por estar relacionado a área da saúde, muitos acreditam que o esporte se apresenta com a finalidade de preparar a criança para ser um atleta que possa ser capaz de lidar com inúmeras questões inclusive as emocionais pelo simples fato de realizar uma atividade esportiva.

O esporte não é prejudicial para o desenvolvimento, mas dependendo da forma que ele é explorado e aplicado pode trazer prejuízos psicológicos para as crianças, principalmente as atividades competitivas que visam o alto rendimento, por possuírem uma estrutura muito complexa para ser compreendida pelas crianças.

A iniciação esportiva está gradativamente perdendo seu lugar para a especialização precoce. Isto quer dizer que, a descoberta de novos talentos e a especialização está se tornando o objetivo principal ao invés do desenvolvimento integral da criança, da dissipação da modalidade e a prática livre. Considerando também que um adulto ou idoso podem iniciar uma prática esportiva.

Com isso os jovens estão ingressando nesse processo sem perceber, levados pelas brincadeiras muitas vezes com um apelo competitivo e aos poucos adquirindo o interesse pelo esporte, nesse momento alguns se destacam por suas habilidades e/ou características e são estimulados a iniciar um treinamento eficiente e objetivo.

A especialização esportiva precoce vem sendo cada vez mais comum entre professores de clubes e escolas. Isso reflete bem o interesse das instituições por status na sociedade. Certamente a preocupação é em desenvolver as crianças no contexto imediatista cercado de parâmetros competitivos e respaldado em resultados forçando ainda mais as crianças adeptas a praticarem uma atividade física e um esporte de sua preferência.

As crianças possuem de média a baixa capacidade de concentração e, os jogos devem respeitar essa realidade e serem introduzidos de uma maneira lenta e gradual aos grupos de crianças. A característica especializada deverá estar inserida no contexto do segundo ciclo escolar (melhor fase do desenvolvimento motor).

A especialização precoce pode influenciar negativamente o desenvolvimento motor, pois definem uma prática intensa, sistematizada e regular de crianças e jovens antes das idades consideradas normais, promovendo rápido desenvolvimento desportivo nas fases iniciais e esgotamento prematuro da capacidade de rendimento levando à falta de vivência em outras modalidades e diminuindo o repertório motor. Por isso o ideal é que a especialização ocorra o mais tarde possível, para que a criança possa se desenvolver integralmente, respeitando seus limites e dificuldades individuais e possa participar de atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil onde pertence, para não afetar de forma negativa seu futuro, evitando traumas que causem desistências, arrependimentos e frustrações posteriores.

Por isso cabe ao professor oferecer atividades variadas que possibilitem ganhos no repertório motor e que contribua para o desenvolvimento de uma maneira ampla.

É importante identificar até que ponto a criança está preparada para assumir tal comprometimento e responsabilidade de desenvolver suas habilidades físicas, psíquicas, sociais e ainda assim continuarem sendo crianças.

A participação do profissional de educação física se torna assim muito mais importante, para que ele não pule nenhuma etapa e preserve o desenvolvimento integral do seu aluno. Devendo explorar as especificidades de cada fase do desenvolvimento e respeitar as

individualidades de cada aluno, sem exagerar na intensidade dos treinamentos e cobranças pela busca de resultados.

Referências

CAVALLARI, Vinícius Ricardo; ZACHARIAS, Vany. **Trabalhando com recreação**. 9ª ed. São Paulo: Ícone, 2007.

DE ROSE JUNIOR, Dante; TRICOLI, Valmor (Orgs.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005.

FERREIRA, N. T. **Trabalho, educação e desporto**. In: VARGAS, A. Desporto e tramas sociais. São Paulo: Sprint, 2001.

FERREIRA, Ricardo Lucena. **Futsal e a iniciação**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008. 103 p.

GALLAHUE, David L.; DONNELLY, Frances, Cleland. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4ª ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3ª ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GOHN, M. G. **Educação não formal e cultura política**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GRECO, Pablo Juan. I. D. U. **Fase central do sistema de formação e treinamento desportivo**. Belo Horizonte: Health, 1997.

GREGÓRIO, Karla Mello; SILVA, Thaise da. **Iniciação esportiva X especialização esportiva precoce: quando iniciar estas práticas?**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/viewFile/3127/2052>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um ABC para iniciante nos jogos esportivos**. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2006.

NETO, Turíbio Leite de Barros. **Exercício, Saúde e Desempenho Físico**. São Paulo: Atheneu, 1997.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Pedagogia dos esportes**. Campinas: Papirus, 1999.

OLIVEIRA, V; PAES, R.R. **A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PAES, Roberto Rodrigues; MONTAGNER, Paulo Cesar; FERREIRA, Henrique Barcelos. **Pedagogia do esporte: Iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

RUBIO, Katia. **Psicologia do Esporte:** Teoria e Prática. Coleção Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2003.

RUBIO, Katia. **Psicologia do Esporte:** Interfaces, Pesquisa e Intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2000.

RUBIO, Katia. **Encontros e Desencontros:** Descobrendo a Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2000.

SILVA, Ylane Pinheiro Gonçalves da. **Pedagogia do esporte:** um estudo sobre as interpelações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional. O caso do basquetebol feminino do estado de São Paulo na visão do técnico. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000442954>. Acesso em: 08 de maio de 2016.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.